

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.^o

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Taihava - Lisboa • Telefone: F

Oficinas de impressão & Rua da Atalaia, 134

Liberdade de pensar

Não havia, nos tempos da monarquia, um único republicano que não se levantasse indignado contra qualquer repressão, que o regime monárquico quizesse exercer sobre o pensamento. Sempre que qualquer atentado se esboçava, surjavam os protestos indignados, erguiam-se as vozes em clamores tremendos de maldição lançados sobre o regime que tam pronto se mostrava em restringir a liberdade de pensar e de exprimir o pensamento.

Principiavam os discursos por hinos ao pensamento, que se queria livre de todas as peias; escreviam-se versos sublimes que tomavam por tema a liberdade; faziam-se veementes discursos no parlamento; fundavam-se associações de verdadeiros amantes da liberdade de pensar.

E foi talvez mais com os olhos fitos na conquista dessa liberdade do que no bacalhau a pataco, que o povo armado proclamou a república, numa radiosa manhã de Outubro.

Estava, pois, conquistada a nova época, em que todos, tanto os que nada tinham como os ricos, poderiam dizer, desde que assumissem a responsabilidade das suas palavras, tudo quanto lhes ocorresse, tudo quanto lhes fosse na alma. Poderia haver fome, falta de trabalho, miséria no lar, crianças prostitutas, exploradores ociosos e trabalhadores escravos, leprosos sem asilo e asilos sem comodidades, mas o que todos, todos, desde essa data, a um tempo sangrenta e rutilante, possuíram, sem que ninguém, absolutamente ninguém, lho pudesse roubar, era o direito incontestável de exprimir as suas opiniões, de dizer «Odeio!» ou de exclamar «Aprovó!». Tinha-se iniciado uma época em que nem ministério, nem polícia, nem militar, nem civil, poderiam impedir que qualquer cidadão nacional ou estrangeiro criticasse os actos anárquicos, muito principalmente quando estes actos lhe diziam respeito de uma maneira directa. Assim, quer estivesse no poder Pedro, quer estivesse Paulo, tinha o mais humilde cidadão a liberdade absoluta de criticar os seus actos.

Na sua essência, a república mais nenhuma vantagem nos poderia trazer. Porém, essa só que nos trouxesse representava moralmente um grande passo para o progresso. Mas não. A república, como era lógico, como não fez nenhuma modificação profunda nas instituições, pois se limitou a substituir homens e títulos, deixando prevalecer a mesma engrenagem defeituosa e corruptora, havia forçosamente, mais tarde ou mais cedo, de corromper os homens que a serviam.

Corrompido o regime e desejando ao mesmo tempo manter a outrance o poder dessas ruínas, outro meio não havia para o conseguir senão rasgando tudo quanto se dissera e fortelecer cada vez mais a mentira, desde que ela contribuisse para a segurança dessas instituições, baseadas não no direito — como o seriam se tivessem os republicanos seguido os seus projectos — mas pura e simplesmente na força armada.

Um regime fundamentalizado na força bruta não pode ser tolerante, não admite a crítica. E como os que usam a força, em vez da razão, para dominar nunca estão tranquilos — porque a força é transitória e a razão é eterna — temem, de que um pequeno estremecimento os atire por terra, põem em prática todas as arbitrariedades para sufocar os que falam a linguagem da verdade.

Enveredou, pois, a república pelo caminho do arbitrio. E' o caminho que todos os regimes tomam quando se sentem enfraquecer. Nos últimos anos da monarquia, os partidários dessa ordem social, sentindo fugir-lhes o poder debaixo dos pés, exerceram violências inqualificáveis contra os republicanos, que hoje se encontram nas condições do seu antigo inimigo.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E é que representam as calúnias inadmitíveis, os ataques desvairados de Léon Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o permite, motivo porque tenta os últimos esforços, quase sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quase sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvá-la só contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E é que representam as calúnias inadmitíveis, os ataques desvairados de Léon Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o permite, motivo porque tenta os últimos esforços, quase sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quase sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvá-la só contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E é que representam as calúnias inadmitíveis, os ataques desvairados de Léon Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o permite, motivo porque tenta os últimos esforços, quase sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quase sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvá-la só contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E é que representam as calúnias inadmitíveis, os ataques desvairados de Léon Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o permite, motivo porque tenta os últimos esforços, quase sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quase sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvá-la só contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E é que representam as calúnias inadmitíveis, os ataques desvairados de Léon Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o permite, motivo porque tenta os últimos esforços, quase sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quase sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvá-la só contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E é que representam as calúnias inadmitíveis, os ataques desvairados de Léon Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o permite, motivo porque tenta os últimos esforços, quase sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quase sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvá-la só contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E é que representam as calúnias inadmitíveis, os ataques desvairados de Léon Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o permite, motivo porque tenta os últimos esforços, quase sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quase sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvá-la só contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

* * *

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não souu ainda, mas que o governo adoptou por determinação do seu sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perde-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecida dos fenômenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem preverem se é preciso percorrê-los.

Por isso esse governo, que é o belo lado mais perigoso para a república: ataca a liberdade de expressão, de pensamento. Ora, depois de tanto propagandearem essa liberdade, depois de quase sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estreitada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingênuos representava a base da sua essência. Mas que um município, o pri-

meiro a que se tem de ceder, em vez de proceder com calma e aplinar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criaria uma atmosfera de terrorismo que leva os presos

